

MY MAPS APLICADO AO PROJETO DE VIDA DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Thales Chinchio Neves ¹
Vilmar Florêncio Barbosa ²

INTRODUÇÃO

A experiência de trabalhar o Projeto de Vida (PV) no Novo Ensino Médio (NEM) revela aspectos contraditórios do espaço escolar que, entre obstáculos significativos e interesses insidiosos, possibilita novas conexões e práticas pedagógicas. O presente resumo busca relatar a aplicação de uma sequência didática interdisciplinar com lastro no saber geográfico e no pensamento crítico.

Pretendeu-se, nestas atividades, desenvolver as habilidades e competências previstas no Documento Curricular de Roraima (DCRR) para o NEM. Os conteúdos foram selecionados de maneira que atendessem a construção de uma práxis pedagógica revolucionária e orientada à formação holística do estudante.

O planejamento desta sequência didática teve como norte teórico o Materialismo Histórico-Dialético (MHD) e utilizou a Cartografia Social (CS), as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e o conceito de redes geográficas como ferramentas metodológicas.

Os resultados destacam que a CS, associada ao My Maps, não apenas potencializa a alfabetização cartográfica, mas também promove o protagonismo estudantil e o empoderamento social no contexto educacional. Foram aferidos através da autoavaliação dos estudantes e observação da participação nas atividades.

Materialismo Histórico-Dialético e o Espaço Geográfico

Segundo Kosik (1989), o MHD é um método que busca compreender a realidade social em sua totalidade concreta, histórica e contraditória. Esse método parte da análise detalhada dos elementos materiais da sociedade, integrando suas formas de desenvolvimento e revelando a coerência interna entre elas. Sem desenvolver esta

¹ Mestrando do Programa de Ensino de Geografia (PROFGEO) da Universidade Estadual de Roraima (UERR)- RR, estudos@thalesneves.com.br;

² Mestrando do Programa de Ensino de Geografia (PROFGEO) da Universidade Estadual de Roraima (UERR)- RR, prof.vilmar.barbosa@gmail.com;

* Esta pesquisa foi elaborada no Programa de Ensino de Geografia (PROFGEO) e aplicada na Escola Estadual Barbosa de Alencar, situada em área rural do município do Cantá, Roraima.



capacidade analítica, o estudante pode vir a construir seu PV baseado numa falsa compreensão da realidade.

O autor enfatiza que a compreensão dialética da realidade social só é alcançada ao reconhecer a unidade dinâmica entre a infraestrutura (base econômica) e a superestrutura (instituições políticas, jurídicas e culturais). Transpondo esse pensamento à prática do professor de Geografia, é possível relacionar essa ideia de realidade social à concepção de Milton Santos (2012) sobre o Espaço Geográfico, no qual o autor caracteriza como a interação indissociável entre os sistemas de objetos (aspectos físicos, materiais) e os sistemas de ações (práticas sociais e culturais). Sistemas estes que dão a base material e imaterial da vida e são necessárias a qualquer construção, inclusive aos projetos pessoais dos estudantes.

Cartografia Social e Empoderamento

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1999), a cartografia é uma área do conhecimento que combina técnicas científicas e artísticas para criar representações gráficas — como mapas e cartas — de aspectos físicos ou simbólicos da superfície terrestre.

Ao longo da história, aponta Neves (2022), a cartografia consolidou-se como um poderoso instrumento de dominação. As elites, reconhecendo o potencial dos mapas, passaram a controlar sua produção. Através do registro gráfico do espaço geográfico exercitavam seu poder sobre o território para legitimar e manter o controle social. Numa perspectiva crítica, se a cartografia é reconhecida como um instrumento de dominação, cabe então questionar: que tipo de cartografia é ensinada no contexto escolar?

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) enquadra o ensino de cartografia no eixo “Formas de representação e pensamento espacial”, ancorando suas bases teóricas no espaço cartesiano e em métodos de representação técnica. As habilidades propostas reforçam essa abordagem, priorizando o “como” fazer — ou seja, os procedimentos e técnicas de construção cartográfica — em detrimento de uma reflexão crítica sobre o “quem” produz esses mapas e com quais intenções.

Como alerta Girardi (2021, p. 79), “Não discutir quem mapeia induz à ideia de neutralidade, que é um dos pilares da força retórica da cartografia hegemônica: substituir o real, representar o que já está no real.”. Dessa forma, ao omitir o sujeito por trás da representação, corre-se o risco de naturalizar visões de mundo específicas e reproduzir, no ambiente escolar, uma cartografia que se apresenta como objetiva e



incontestável, em lugar de uma cartografia crítica, consciente de seu lugar no mundo e de suas intencionalidades.

Na contramão da cartografia hegemônica, a CS é uma construção coletiva, horizontal, que visa o empoderamento social. Segundo Gomes (2017), é um processo criativo, autônomo, produto da socialização das experiências e pode ser feito com os mais diversos recursos tecnológicos. No contexto escolar, Girardi (2021) reforça que deve ser acompanhado de contexto para que possa promover a alfabetização cartográfica e o empoderamento social.

Redes e Capital Social

O conceito de redes geográficas, aponta Dias (2020), refere-se a um conjunto de localizações interligadas por fluxos materiais e imateriais que articulam espaço e sociedade. Essas redes são multidimensionais, envolvendo aspectos organizacionais, temporais e espaciais. Assim, baseado nessa compreensão sobre o funcionamento em redes, é possível inferir que quanto mais conexões fluem em direção de um indivíduo, maior é a probabilidade dele transformar a realidade do espaço geográfico.

O combustível que alimenta essa circulação não se resume ao poder econômico, pois existem espaços que mesmo com acesso a recursos financeiros não se pode influenciar. Existe um capital herdado e de difícil aquisição, como aponta Bordieu (2011) que viabiliza esse acesso, chamado Capital Cultural.

Os agentes sociais utilizam seu capital cultural – sua educação, competências e codes – para navegar, consolidar posições e exercer poder dentro dessas redes. Dessa forma, longe de ser neutra, a rede geográfica é a manifestação de desigualdades e distinções, onde o capital cultural dos indivíduos determina seu acesso, mobilidade e influência dentro da estrutura espacial.

Sem a construção de redes geográficas de suporte social, a dificuldade de colocar em prática o planejamento de vida tende a aumentar. Logo, a construção de PV coletivos, nas quais os poucos recursos e contatos dos estudantes são compartilhados entre si, pode ser um caminho para contornar a ausência do Capital Cultural.

METODOLOGIA

O planejamento didático levou em consideração as Habilidades e Competências das Ciências Humanas e Sociais Aplicada, no período letivo do 3º bimestre da 2ª série do NEM. Ao todo, foram utilizadas 16 aulas, sendo 8 de Geografia e 8 de PV, entre os meses de agosto e setembro de 2024. Em Roraima, as aulas tem 1h de duração. Em



relação a avaliação, foi dividida em 3 momentos: 1/3 da nota avaliada pelos colegas de turma; 1/3 de autoavaliação; 1/3 de avaliação do professor.

A sequência didática foi: 1. Roda de conversa e levantamento inicial da percepção dos estudantes em relação aos conceitos geográficos; 2. Desenvolvimento de mapa artístico representando a visão dos estudantes em relação as regiões do Brasil; 3. Investigação do conceito de região na internet; 4. Apresentação do resultado da pesquisa; 5. Introdução e treinamento à ferramenta My Maps; 6. Leituras espaciais utilizando o My Maps e o Google Earth tendo como base o projeto de vida dos estudantes; 7. Produção de mapa colaborativo no My Maps; 8. Mentoria e refinamento do mapa colaborativo; 9. Análise por pares das produções cartográficas; 10. Sugestões de melhorias; 11. Desenvolvimento das apresentações; 12. Ajustes nas apresentações; 13. Primeiro dia das apresentações; 14. Segundo dia das apresentações; 15. Discussão dos resultados gerais; 16. Questionário de autoavaliação.

A autoavaliação consistiu na produção de um texto na qual o estudante deveria refletir sobre a própria prática. A avaliação feita pelos pares e a avaliação final do professor foi feita em roda de conversa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A percepção geral mostrou que os estudantes viam a Geografia como uma ferramenta para conhecer melhor o mundo, embora demonstrassem dificuldade em articular respostas mais específicas.

Para superar essas dificuldades, adotou-se a alfabetização cartográfica, por meio de aulas expositivas e atividades práticas, incluindo a revisão dos conceitos de região e regionalização, fundamentais para o desenvolvimento da atividade proposta.

Posteriormente, os estudantes foram introduzidos à ferramenta digital My Maps, aprendendo a criar contas, configurar arquivos para construção coletiva dos mapas e a utilizar suas principais funcionalidades — procedimentos que favoreceram a apropriação das TIC no contexto da Geografia.

Durante as aulas colaborativas de elaboração dos mapas, o professor atuou como mediador, auxiliando na resolução de conflitos e dificuldades. Os resultados indicam que a construção coletiva do PV através da Cartografia Social utilizando o My Maps promoveu a alfabetização cartográfica e digital, o desenvolvimento do pensamento crítico e o fortalecimento dos conceitos geográficos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo ressaltam a relevância do uso da Cartografia Social aliada às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIC) como estratégias eficazes para fomentar a formação crítica e cartográfica dos estudantes da 2ª série do ensino médio.

Os resultados evidenciam que a Geografia, ao se articular com metodologias participativas e práticas coletivas de construção do conhecimento, pode contribuir significativamente para a construção do Projeto de Vida dos alunos, ampliando sua consciência espacial e crítica.

Contudo, a persistência de visões individualistas em parte do grupo revela a complexidade do processo de internalização da práxis reflexiva, indicando que a transformação da consciência e das relações sociais demanda continuidade e múltiplas intervenções pedagógicas.

Além disso, o domínio do My Maps e a apropriação do conceito de região configuram-se como aquisições de capital cultural que potencializam o habitus dos estudantes, embora assimetrias na assimilação dessas competências possam reproduzir desigualdades simbólicas.

Destaca-se, por fim, que a Cartografia Social, enquanto prática coletiva e de fortalecimento das relações entre os sujeitos, tem papel imprescindível na educação geográfica contemporânea, mas seu potencial emancipatório depende da mediação crítica docente, que deve enfrentar as resistências inerentes ao contexto social.

Portanto, este estudo contribui para evidenciar que ensino e tecnologia, integrados a práticas dialógicas, são caminhos promissores para o desenvolvimento da consciência crítica e da alfabetização cartográfica, fundamentais para a formação cidadã e transformadora.

Palavras-chave: Cartografia Social, Projeto de Vida, My Maps, Geografia, Interdisciplinar .

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **A Distinção**: Crítica social do julgamento. 2º ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.



BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

DIAS, Leila Christina. REDE GEOGRÁFICA. **Geographia**, [S.L.], v. 22, n. 49, p. 1-6, 14 dez. 2020. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/geographia2020.v22i49.a47614>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/47614>. Acesso em: 05 set. 2025.

GIRARDI, Gisele. Cartografias Sociais em diferentes contextos de aprendizagem. **Geographia Meridionalis**, v. 6, n. 1, 2021. p. 67-84. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/viewFile/20802/1375>. Acesso em: 11 de dez. 2021.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 97-110, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.488. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/488>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Noções básicas de cartografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br. Acesso em: 15 abr. 2021.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 5º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

NEVES, Thales Chinchio; GONÇALVES, Amanda Regina. PRÁTICA DA CARTOGRAFIA SOCIAL NA EDUCAÇÃO. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 489-508, 27 mar. 2023. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/estgeo.v20i3.16429>.

SANTOS, Milton. **Por uma Nova Geografia**. 6ª edição. São Paulo: Edusp, 2012.

